

**DIVERTIR, EDUCAR E FORMAR:
CACIQUE – A REVISTA DA GAROTADA GAÚCHA (1954-1963).**

**Maria Helena Camara Bastos
PPGE-PUCRS**

INTRODUÇÃO

O estudo analisa a revista infantil CACIQUE – publicada no Estado do Rio Grande do Sul, no período de 1954 a 1963, pelo Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais – CPOE/RS, da Secretaria de Educação e Cultura – SEC/RS (1943 – 1971). Na década de 1950, a SEC/RS através do CPOE, utilizou amplamente a imprensa especializada – *Revista do Ensino e Cacique*, para expressar e concretizar a sua ação político-pedagógica, buscando atingir públicos distintos - o aluno (infanto-juvenil) e o magistério primário da rede escolar rio-grandense, mas com a mesma intenção - divulgar o pensamento educacional oficial.

O lugar da revista, de suas estratégias editoriais, de seu discurso em face dos fenômenos sociais, possibilita conhecer como se dá a construção e a divulgação de um “modelo” de “bom menino”¹. Portanto, objetiva conhecer e analisar as representações sociais - imagens, estereótipos, mitos e modelos - que estão intimamente relacionados com o contexto histórico que as produziu, com a intenção de modelar e disciplinar o público-leitor pelas “visões sociais de mundo” veiculadas.

Na história da educação, ainda são poucos os estudos e pesquisas que privilegiam análise de periódicos infanto-juvenis destinados à recreação, mas com intenção de formação do leitor². Leituras de formação ou aprendizagem são aquelas em que “*as instituições sociais como a família, a escola, a igreja, a fábrica, o hospital, pelas quais*

¹ O “Bom Menino”, no referencial de Kohlberg, enquadra-se nos Níveis de autonomia Moral, no nível II convencional, estágio 3. Neste nível, manter as expectativas da família, do grupo ou da nação é considerado valioso em si mesmo, sem se levar em conta outras conseqüências óbvias e imediatas. A atitude não apenas revela conformismo à ordem social, mas envolve também um engajamento em manter essa ordem e justificá-la. Neste nível há dois estágios: 1) Moralidade do “bom garoto” manter boas relações. O bom comportamento é aquilo que agrada aos outros, ou ajuda aos outros e recebe aprovação. Há muito conformismo e noções estereotipadas do que é “natural” ou “de se esperar”. O comportamento é frequentemente julgado de acordo com a intenção. A idéia de “a intenção foi boa” pela primeira vez se torna importante na avaliação de um comportamento. Ganha-se aprovação por “ser bonzinho”; 2) Autoridade mantendo a moralidade. Esta é a orientação para a “lei e a ordem”. Há um grande respeito à autoridade, a regras fixas e à manutenção da ordem social. O comportamento moralmente correto consiste em cumprir o dever, mostrar respeito pela autoridade e manter a ordem social vigente (apud. BIAGGIO, 1976).

² Por exemplo, sobre a revista Tico Tico (ROSA, 2002; VERGUEIRO; SANTOS, 2005); Mafalda (PINEAU, 2005); Sezinho (

transita o herói da obra, procuram influenciá-lo, moldá-lo, direcioná-lo, segundo seus valores e normas específicas” (FREITAG, 1994, p.68). Dessa forma, considera-se a revista *Cacique* como uma *leitura de formação*, pois procura educar e moldar seus leitores, na perspectiva de *ensinabilidade da moral ou das virtudes*, é um periódico com função moralizadora e intenção educativa, cívica, patriótica e social.

A seguir, far-se-á uma descrição sucinta da revista, de sua vida institucional e organização interna, procurando caracterizar o projeto e os objetivos. Subseqüentemente, far-se-á análise do conteúdo da revista, visando configurar o universo doutrinário da instituição produtora. Nesta etapa, privilegiar-se-á o estudo de uma seção – “História da Capa”: imagem e texto, pela peculiaridade e representatividade de idéias, valores, normas pretendidas como perpassáveis aos seus leitores.

CACIQUE: “A REVISTA DA GAROTADA GAÚCHA” (1954-1963)

Em abril de 1954, saiu o primeiro número da revista infantil – CACIQUE, com uma pequena carta do Secretário de Educação e Cultura – José Mariano de Freitas Beck -, endereçada ao público-leitor identificado como “Pequeno Leitor”, a qual expressava intenções e características que norteariam a iniciativa.

“Aqui tens a tua Revista, que a boa vontade do Sr. Governador³ e o carinho e trabalho de muitos colocam em tuas mãos. Ela é uma prova do interesse da Secretaria da Educação e Cultura pela tua alegria e pelo teu presente e pelo teu futuro. Desejamos que CACIQUE te faça rir com suas histórias e pensar com seus enigmas e charadas. Deus permita que ela responda à tua curiosidade em suas informações e, em tudo, te leve os pensamentos, os desejos, as ações, para as coisas boas e sadias da vida. Assim, se esta Revista te agradar e nossos desejos se realizarem, ficaremos imensamente felizes, na certeza que estamos te ajudando a crescer para a Verdade e para o Bem”. (CACIQUE. nº 1, abr.1954)

Esta mensagem expressa as intenções da publicação: divertir – fazendo-o rir; educar – levando-o a pensar e a se formar para as “coisas boas e sadias da vida”, em oposição aos “gibis” da época “considerados perniciosos à formação infantil e juvenil” (CAMPUOCO,1981, p. 10).⁴ É interessante assinalar que Gilberto Freyre foi um dos primeiros intelectuais brasileiros a defender os “gibis” contra a censura moral e educativa

³ Nesta época era Governador do Estado o General Ernesto Dornelles e Presidente da República o Dr. Getúlio Dornelles Vargas.

⁴ Em 1956, *A Revista do Ensino/RS* publica o artigo “Precisamos de melhores de melhores revistas para as crianças”, da Prof. Edissa Zulmires de Campos (São Paulo), o qual lista as revistas mais lidas pelos meninos: Fantasma, Gibi, Tarzan, Possante, Guri, Super-homem, Cavaleiro Negro, Terror Negro, Rock Lane, Globo Juvenil Zorro, Aí Mocinho, Durango Kid, Família Marvel, e pelas meninas – Branca de Neve, Rosalinda, Grande Hotel, Gilda, Cinderela, Idílio. Levantadas a partir de pesquisa com 1.200 crianças, são consideradas perniciosas principalmente, pelo conteúdo: Fantasma, Gibi, Rock Lane, Zorro, Globo Juvenil, Guri, Aí Mocinho, Durango Kid, Capitão Marvel, Grande Hotel, Rosalinda, Super-Homem, Gilda, Biriba, Cavaleiro Negro, Terror Negro, Dom Xicote, por explorarem temas como: crime, assassinato, roubo, falsificação, ambição, terror, vingança, ódio, assalto, rapto, espionagem e anarquismo. A autora considera “as revistinhas aceitáveis”: Pato Donald, Branca de Neve, Vida Infantil, Sezinho, Tico-Tico, Mindinho, Cirandinha, Pinduca e outras. Conclui que as revistas infantis devem “constituir motivação para o desenvolvimento do gosto pela literatura e obras de verdadeiro sentido educativo” (REVISTA DO ENSINO, n.41, p. 48-57, out./nov., 1956).

nas décadas de 1940 e 1950. Considerava-os um meio de comunicação de massa, um auxílio na educação escolar a ser explorado e uma “ponte para a leitura” de livros (GONÇALO Jr, 2006, p.74).

Apesar de o primeiro número da revista ser de abril de 1954, o ato de sua criação data de 27 de janeiro de 1955, pelo Decreto nº 6.005, que estabelece sua finalidade: “atender os interesses infantis, concorrendo através de leitura de boa qualidade para a educação e desenvolvimento da cultura geral da criança dos 9 aos 13 anos”.

Em 1956, pelo Decreto nº 7.201, de 23 de agosto, é aprovado o “Regulamento da Revista Infantil CACIQUE”, o qual estabelece que a mesma “orientar-se-á dentro dos princípios de liberdade e de amor à Pátria, e dos ideais de solidariedade humana”. Para atingir sua finalidade, “usará meios baseados na psicologia da criança, tendo em vista os objetivos da educação.” Sua função será: apresentar leitura sadia e de acordo com os interesses dos leitores; recrear, educando, através de um conteúdo literário leve, acessível, atraente, tendo em vista. Entre outros objetivos, os seguintes: incentivar o amor à Pátria e os grandes ideais, interessando o pequeno leitor por tudo que diz respeito à economia e beleza de nossa terra, a nobreza de sua história e o encanto de suas tradições; concorrer para a formação harmoniosa da personalidade da criança, bem como para o cultivo de hábitos de cooperação e atitudes de solidariedade; estimular sentimentos desejáveis, como o altruísmo, a justiça, a coragem, o amor, a bondade, a perseverança, o heroísmo, a paciência, a tenacidade; despertar o interesse pelos descobrimentos científicos e pelos grandes benfeitores da humanidade; proporcionar momentos de humanismo fino e são; despertar a atitude de compreensão humana pelo conhecimento dos demais povos, seus usos, costumes, etc.; exercitar o raciocínio infantil, por meios diversos tais como: solução de charadas, quebra-cabeças, palavras cruzadas, adivinhações, enigmas, etc.; enriquecer o vocabulário do leitor e ampliar suas experiências, proporcionando-lhe conhecimento de cultura geral; familiarizar a criança cidadina com a vida do campo e das fazendas gaúchas, salientando os costumes e expressões regionais; concorrer para a formação de ideais que contribuam para o progresso individual e para o bem-estar social”.

O artigo 33 deste Decreto se refere ao “Código da Revista”, um código de ética e moral, destinado a orientar todos os colaboradores do periódico. É um desdobramento das “competências” da revista explicitadas em seu regulamento; das entrelinhas se depreende a “linha doutrinária” orientando a formação da consciência, a definição de comportamento/conduitas, a prescrição de valores à sua clientela, moldando uma imagem

ideal do leitor por uma concepção idealizada que se faz da vida, alienada da realidade cotidiana, o que pode ser percebido pela afirmação a seguir, de um leitor-personagem:

Isto que é revista (...) boa apresentação, boa forma, boas histórias. Quanto mais leio Cacique, mais encantado fico pela vida. Um dia... um dia também hei de figurar na revista. Vou contar às outras crianças tudo quanto se passa comigo, para que sintam o gosto pela vida como eu sinto. (CACIQUE, n. 24, março 1956)

A revista foi editada de abril de 1954 até dezembro de 1959, totalizando sua publicação 106 números. Inicialmente, era de tiragem mensal (10 a 15.000 exemplares), mas de 1957 a 1959 tornou-se quinzenal. O sistema de venda - avulsa e assinaturas - atingia diversas regiões do Estado e vários estados brasileiros, como se constata na lista publicada na contracapa “Nossos ou Novos Assinantes”, a partir do número 58 de 1958, que publicava o nome dos assinantes, pessoas físicas ou jurídicas, por estados e cidades.

Na primeira fase, foi dirigida pelas professoras Maria da Glória Albuquerque (diretora), Esther Faria da Silva (secretária). Após breve interrupção, retorna em 1961, vinculada à Divisão de Cultura da SEC-RS, sob a direção da professora Maria Moritz. Apresenta alterações editoriais e gráficas, com distribuição mensal e gratuita, e “uma nova linha ideológica, com ênfase numa tendência nacionalista”, segundo Campuoco (1981, p. 10). Encerrou definitivamente sua publicação, em 1963.

O nome da revista, segundo a professora Nancy Mariante, foi uma escolha dos próprios leitores-mirins. Na realidade uma pseudo-escolha, dentro de um universo de alternativas pensadas por adultos, da qual a criança teria que escolher uma, e não criar uma ou propô-la.

Na verdade, fizemos uma pré-lista e a enviamos às escolas primárias, pedindo que, dentre as sugestões, as crianças fizessem sua escolha! CACIQUE foi o nome que mais teve aceitação e, fiel a este nome, incluímos, a partir daí, uma série de narrativas em torno de lendas indígenas. (apud CAMPUOCO, 1981, p. 10)

Incluía, também, histórias em quadrinhos com o personagem CACIQUE, desenhado por Renato Canini, em março de 1957, quando também passa a fazer parte da equipe de desenhistas.

A revista, em sua primeira fase, foi editada pela Livraria do Globo, em formato pequeno (22 x 16 cm), sempre com 32 páginas. Apresentava uma capa diferente em cada número, criação da equipe redacional, e na contracapa uma seção intitulada “A História da Capa”, explicando o motivo da ilustração. Do número 2 ao 57, esta seção esteve a cargo de Dirceu A. Chiesa. Na segunda fase da revista, de 1961 a 1963, a equipe editorial retomou em parte a idéia da seção “História da Capa”, com a denominação “Conversa com o Leitor”, também na contracapa, espécie de editorial sem assinatura que, de certa forma, desenvolvia a mensagem expressa pela capa sem contar uma história.

CACIQUE apresentou conteúdo variado: histórias criadas, traduzidas ou adaptadas pela equipe de redação (contos de Grimm, Andersen); palavras cruzadas, passatempo, charadas; desenhos para colorir, cenas para recortar e montar (o circo, a casa da boneca); histórias em quadrinhos (com os personagens Cacique, Tibica e Robinson Crusoe); curiosidades (tu sabias que...), “coisas que tu podes fazer”; organização de álbuns (Coleção Esportiva CACIQUE, flâmulas de clubes de futebol, bichos); concursos (Grandes Vultos da Humanidade, Concurso Literário); temas regionais (Nosso Brasil); cultura geral (Artes e Ciências através dos séculos, História Maravilhosa da Música, As ruas de Porto Alegre contam uma história). As estratégias editoriais procuravam mesclar textos com ilustrações, histórias em quadrinhos, criação de personagens modelos, visando manter o interesse e atenção do leitor. As seções estavam em consonância com a proposta de divertir, educar e formar, pela ênfase na literatura (fábulas, contos, poesias, histórias, lendas), na divulgação de conhecimentos variados de história, de arte, música, geografia, ciência; nas curiosidades científicas, buscando o divertimento e a “humanização” do seu leitor, a partir de desafios que o levassem a pensar. Essas características podem ser percebidas no verso publicado quando da passagem do primeiro ano de sua publicação, em 1955: “Viva CACIQUE (...) Revistinha tão pequena, com tanta sabedoria, só ensina coisas úteis, proporciona alegria. Demos um “Viva Cacique”! A revista do momento que embeleza nossa alma e eleva o pensamento” (CACIQUE, nº 13, abril 1955).

A revista publicou, também, um “Suplemento Juvenil”, encartado, destinado ao público adolescente. Alguns destes suplementos dedicaram-se a uma temática específica; por exemplo, sobre “O Pioneiro da Aviação”, no número 30, de setembro de 1956, alusivo às comemorações do 50º aniversário do primeiro vôo de Santos Dumont. Este suplemento foi premiado pela Comissão Executiva Nacional do Ano Santos Dumont (RJ), tendo sido traduzido para o espanhol e enviado a diversos países da América Latina. Olga Acaun, assim escreve sobre a participação da revista - “CACIQUE dá aqui sua contribuição às comemorações do grande feito nosso insigne patricio, associando-se desta forma às homenagens prestadas neste ensejo à sua memória, orgulho e estímulo para todas as gerações de brasileiros”. O Suplemento Juvenil apresentava características gráficas distintas daquelas da revista – tamanho grande com mais informações científicas, literárias, esportivas –, tendo em vista o seu público-leitor. Sua publicação foi mensal, de 1958 até 1959.

A equipe editorial da revista também realizava um programa diário na Rádio Guaíba, sempre às 18h05, chamado “Teatrinho CACIQUE”, com adaptação de contos, como o “Mágico de Oz”, “Espantalho”⁵.

Não havia espaço destinado à publicidade, mas de agosto de 1958 (nº 73) até março de 1959 (nº 88) a segunda contracapa apresentava “propaganda educativa” do Banco Nacional de Comércio S/A⁶, através das histórias do “Vovô Banmérico”, que incentivavam a garotada a poupar, guardando suas economias nos “cofrezinhos mágicos”. A fantasia era utilizada para transmitir uma idéia de economia. Uma das histórias relatava a inauguração de uma filial do Banco, em Curitiba, para a qual a equipe da revista foi convidada a descerrar os retratos dos personagens Tibica e Cacique, na nova sede. A iniciativa demonstrava a importância e o alcance do periódico na comunidade gaúcha e em outros Estados, como se pode também perceber nos números de 101 a 106 (out./dez. 1959), pela publicidade de uma loja “Novidades Infantis Saru” e do Programa “Club dos Garotos Saru”, na TV Paulista, de São Paulo.

HISTÓRIA DA CAPA: DIVERTINDO, EDUCANDO, INFORMANDO.

A leitura e análise desta seção se apóia na linha editorial, expressa no “Código da Revista Infantil – Cacique”. Tomando por base a seção “História da Capa”, a cargo de Dirceu A. Chiesa, ao longo dos 55 números em que foi publicada, pretende-se analisar idéias, estereótipos e modelos que são enfatizados em suas temáticas, veiculando uma imagem de sociedade e indivíduo modelar, preparando-o para a “verdade” e para o “bem”, “embelezando sua alma e seu pensamento”.

As capas eram desenhadas com riqueza de detalhes e cores, expressando sempre uma cena simples e completa. “Olhar” simplesmente a capa permitia ao leitor identificar a mensagem codificada na “História da Capa” em “linguagem leve, acessível e interessante”.

A contracapa – lugar destinado à “História da Capa” – reproduzia em um pequeno quadro a capa, no alto da página, deixando o resto do espaço para a *história*, com exceção do rodapé, que se destinava aos dados de identificação da revista. A maioria das histórias não tinha título, excetuando-se “Adoração dos Reis Magos” (nº 9, dez. 1954) e “O Pai da

⁵ “Fernando Veronese, responsável por toda a discoteca da Rádio Guaíba e que já na época trabalhava na emissora, recorda aquele período em que a rádio possuía uma equipe de rádio-teatro, sendo que os principais escritores eram Sérgio Jockmann e Roberto Eduardo Xavier, e no cast tínhamos (...) Jorge Muccillo, que era o narrador do teatrinho; Ataíde Ferreira, Antônio Gabriel, Adroaldo Streck e outros” (CAMPUOCO, 1981, p.10).

⁶ “De modo geral, a revista jamais aceitou qualquer publicidade, à exceção do Banco do Comércio, cujos anúncios, porém, eram criados pela própria redação da Revista, na forma de personagens e pequeninas narrativas, sempre em torno da ênfase de poupança, através de caixinhas de moedas e cofrezinhos, que outras instituições bancárias também promoviam.” (CAMPUOCO, 1981, p.10).

Aviação” (nº 30, set. 1956). A ausência de título pode ser resultante do fato que a própria capa titulava a história ou poderia decorrer de uma intenção do autor em deixar ao leitor espaço para sua imaginação.

A intenção de traduzir à garotada o que eles viam na capa direcionava o seu olhar para aquilo que deveria ser percebido/lido, isto é, encaminhava o leitor para uma via única de leitura da imagem veiculada. Ampliando esta postura para a realidade social maior, procurava mostrar uma *verdade*. As histórias buscavam transmitir uma lição de vida, uma mensagem positiva, com modelos de conduta e normas sociais, buscando a educação moral pela “formação harmoniosa da personalidade da criança, bem como para o cultivo de hábitos de cooperação e atitudes de solidariedade” (Decreto nº 7201, de 23 de agosto de 1956). Nesta perspectiva, temáticas voltadas às festas religiosas e cívicas, ao trabalho, ao lazer, divulgavam valores como: amor, amizade, família, Pátria, respeito, trabalho, conhecimento, ciência, progresso.

As histórias envolviam ações cometidas por personagens jovens, com idade entre 9 e 13 anos (idade do leitor-destinatário da revista), enfatizando a figura masculina, em maior número que a feminina, caracterizando-os por atributos identificados com o universo masculino, como coragem, bravura, heroísmo, tenacidade, bondade, perseverança.

Em terra firme, refeito do susto que raspava, Paulinho estufou o peito, sorriu triunfante e sentiu-se mais homem do que nunca. (CACIQUE, nº 2, maio de 1954)

As qualidades masculinas – valentia, força, coragem – contrapunham-se com a delicadeza das qualidades femininas.

Ela era loira, de olhos grandes e calmos, ele, moreno, com permanente ar alegre na fisionomia. (CACIQUE, nº 43, mai. 1957)

Ele era muito estudioso e raramente trocava os livros por outra coisa; era calmo e calado, e nunca fora visto em algazarra. (CACIQUE, nº 52, set. 1957)

Esta distinção de predicados refletia-se nas tendências e características pessoais e profissionais de cada gênero. Os meninos identificavam-se com o modelo pai (trabalho)

Como é elegante o meu pai. Com seu aspecto grave, folheando livros... Meu pai é um sábio! Também serei importante... Tão importante como papai. Todos os meninos devem ter uma aspiração. Futuramente serei tão importante como papai...(CACIQUE, nº 39, mai. 1957)

E as meninas com o modelo mãe (família),

Não pensem, não, que ela vivia na rua embora gostasse tanto assim de passear. Margarida era uma menina estudiosa e, além disso, ajudava a mãe no serviço de casa. (CACIQUE, nº 39, mai. 1957)

A ênfase na estereotipia masculina e feminina fazia-se, também, na caracterização dos interesses e necessidades de cada um.

O mais velho, que era estudioso, pedira uma história do Brasil, antes de mais nada queria tomar conhecimento de tudo quanto acontecera em sua Pátria. A maninha desejava uma boneca de cabelos loiros, como os dela. E a caçula... bem, a caçula contentava-se com um pão. (CACIQUE, nº 21, dez.1953.

A temática das histórias em sua maioria relatando aventuras (20), também reforçava o universo masculino, sendo os personagens meninos, ao gosto do público da revista. Temas como trabalho e profissões destacavam o papel do homem no setor produtivo – engenheiro, afiador, sapateiro, jornalista, carteiro, pintor, músico.

No caminho, ele contava seus planos para quando fosse adulto: desejava ser engenheiro – construir pontes, arranha-céus, viadutos, túneis – haveria profissão mais atraente? Ela também tinha seus projetos: estudaria bastante, para se tornar literata. Escrever muito, descrever a natureza, cantar as glórias e a beleza de sua terra, eis o seu sonho. (CACIQUE, nº 14, mai. 1955)

A leitura das histórias possibilitava identificar o seu destinatário – público masculino – leitor assíduo de “gibis”; às mulheres a revista destinava outras seções, voltadas a contar fábulas, lendas, contos, poesias, mais identificadas com “gosto feminino”. A presença masculina também aparecia na composição da capa, com maior presença de personagens masculinos, sozinhos ou em grupo. A presença feminina aparecia em número igual ou menor que os homens.

Histórias genéricas, procurando dar conta de todos os tipos de vivências e meios de vida, exploravam a fantasia, o sonho, analogias, favorecendo melhor compreensão da criança quanto à idéia perpassada de mundo. Nesta perspectiva, animais eram utilizados como personagens que pensavam, agiam, com qualidades e atitudes identificadas com o universo humano.

Outra vez foi Espichadinho (cachorro) que chegou primeiro. E, como não tivesse a quem contar a surpresa, enfiou-se na sua casinha, enrodilhou-se em si mesmo e ficou cismado, cismando... como quem anda à procura de solução para um grande problema. (CACIQUE, n. 12, mar. 1955)

A construção dos personagens buscava torná-los reais, próximos da realidade do leitor, possibilitando sua identificação com o universo ficcional das histórias.

Cláudia, Luiz Carlos e Serginho era três irmãos que raramente se desentendiam: apenas quando a mamãe chegava da rua com o número mensal da CACIQUE. Era uma desavença momentânea, provocada pelo extraordinário interesse que a revistinha despertava neles. (CACIQUE, n. 31, out. 1956)

A idéia a ser perpassada é de uma família harmônica, integrante de uma sociedade em harmonia e em ordem. As histórias enfatizavam a valorização do lar, centro de fraternidade e amor, local de proteção e de toda a vida social - “Meninos felizes aqueles. Tinham sua árvore de Natal, haviam recebido os presentes almeçados e adoravam o Salvador” (CACIQUE, n. 12, mar. 1955).

Valores como amor, amizade, saudade eram destacados na maioria das histórias, procurando desenvolver no público-leitor o ideal de solidariedade humana,

Bons vizinhos, bons amigos e boas criaturas como Paula e Beatriz havia poucos (...) E como se compreendiam. (CACIQUE, n. 14, mai. 1955)

As festas religiosas – São João, Natal, Páscoa - e outras temáticas das histórias da capa procuravam informar o leitor sobre o seu significado, transmitindo os valores cristãos de amor ao próximo, de união familiar, confraternização. A história relativa à Festa de São João, esclarecia porque o fogo simboliza a mensagem de São João, que era de “purificação e penitência”. O mesmo intuito tinha a história “A adoração dos Reis Magos”, esclarecendo a simbologia dos presentes dados ao “Menino Jesus”: ouro-poder, incenso-adoração; mirra-paixão.

O amor à Pátria, aos heróis, aos seus ideais estava presente nos dois números dedicados ao “Pai da Aviação”. O sentimento cívico era exaltado,

Envergando vistosa farda, colorida e cheia de bordados – igual à que fora descrita em aula pela professora de História do Brasil, como sendo usada em certa época do Império – ele marchava garboso como um general, rufando seu tambor entusiasticamente. Acompanhava-o uma priminha vibrante, que ombreava com ele em idade, desfraldando uma bandeira também (...). No ardor cívico, durante as festas comemorativas do 25 de agosto, reviveria um dos momentos mais felizes de sua vida, que o sonho lhe dera há pouco. (CACIQUE, n. 5, ago. 1954)

O sentimento cívico/nacional também era amplamente explorado nas demais seções da revista: Grandes Vultos, Nosso Brasil e outras.

Buscando cultivar o “amor á natureza” – fauna e flora – CACIQUE evidenciava preocupação ecológica transmitindo, através de suas capas e histórias, cuidados com o meio ambiente. Comemorando o “Dia da Árvore” relatava-se a história de duas crianças com a idéia de plantar uma árvore *simbolicamente* denominada “Árvore da Amizade” (CACIQUE, n. 6, set. 1954). Enfatizava-se o retorno à natureza, o valor da vida do campo, a liberdade da vida ao ar livre.

Ar livre e contato direto com a natureza, eis a preferência de toda a criança. (CACIQUE, n. 52, set. 1957)

A ênfase no papel do estudo, preparando para a vida presente e futura, como realização pessoal e profissional, contribuía para formação do “bom menino”. As idéias de “perseverança, esforço, coragem” destacavam qualidades que contribuiriam para o sucesso, sinônimo de vencer na vida,

“Papai sorriu comovido e adiantou-lhe que a pessoa, para ter sucesso na vida, precisa não apenas de vocação e boa vontade, mas de estudo. E já que o menino mostrava inclinação para a pintura, haveria de encaminhá-lo nessa arte. CACIQUE, Porto Alegre, n. 47, jul. 1957.

CONCLUINDO

O conhecimento do universo discursivo da revista Infantil CACIQUE, através da análise da seção “História da Capa”, permite verificar a visão de sociedade e as concepções morais e educativas transmitidas para “formação harmoniosa da personalidade, desenvolvimento de hábitos de cooperação e atitudes de solidariedade, atendendo as

exigências higiênico-pedagógicas desse gênero para a garotada gaúcha” (RS/SEC. Decreto nº 7201, de agosto de 1956). Nesta perspectiva, procurava veicular uma visão de mundo em harmonia, sem conflitos sociais e individuais, em que valores como amizade, amor, família, Pátria, respeito, solidariedade, cooperação, conhecimento, ciência, progresso, estudo, eram constantemente reforçados através das histórias, que buscavam divertir, educar e formar o leitor para “crescer para a Verdade e para o Bem”. O leitor era tratado como um adulto em miniatura, para o qual era projetada uma “imagem ideal da dourada infância”, ou seja, “um espaço mágico alijado das asperezas e conflitos diários” (DORFMANN; MATTELART, 1980, p. 22).

Essa visão idealista de sociedade e das relações entre seus membros obscurece questões polêmicas e contraditórias, como discriminação racial, diferenças de classes sociais, de sexo. Valoriza a influência do conhecimento, como algo a ser conquistado, de difícil acesso por situar-se muito acima da condição humana comum. Considera a transmissão de informações como a forma de conhecer e educar para a superação das dificuldades que advêm da vida em comunidade. A formação moral do leitor é trabalhada como uma prescrição, um “deve ser”, um modelo a ser seguido, disciplinando atitudes, condutas e posturas sociais e individuais. A partir desta visão, a revista procurava mostrar ao leitor que sua participação e atitude *adequada* são fundamentais para construção de uma vida melhor, exaltando esforço e empenho de cada um para superação de qualquer dificuldade.

REFERÊNCIAS

- ACAUAN, Olga. O Pai da Aviação. **CACIQUE**, Porto Alegre, n. 39, set. 1956.
- BASTOS, Maria Helena Camara. **A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1939-1942)**. O novo e o nacional em revista. Pelotas: Publicações Seiva, 2005.
- BASTOS, M.H.C.; COLLA, A. L. A Idealização do professor na representação da docência. Retratando Mestres. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.) **A Aventura autobiográfica – teoria e empiria**. Porto Alegre: Edipucrs, 2004. pp.465-483.
- BASTOS, M.H.C. Imprensa pedagógica rio-grandense: CACIQUE - a revista da garotada gaúcha (1954-1963). **Educação**. PUC/RS Porto Alegre, v. XVII, n. 27, p.85-100, 1994.
- BASTOS, M.H.C.; LEMOS, E.A.; BUSNELLO, F. B. “Pedagogia da Ilustração: uma face do impresso”. In: BENCOSTTA, Marcus Levy A. (Org.) **Pesquisa sobre Cultura Escolar: perspectivas históricas**. Curitiba/Pr.: 2006. (no prelo)
- BIAGGIO, Ângela. **Psicologia do Desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 1976.
- CAMPOS, Edissa. Precisamos de melhores revistas para as crianças. **Revista do Ensino**, Porto Alegre, v. 6, n.41, p. 48-57, out./nov., 1956).
- CAMPUOCO, Antônio. Era uma vez... uma revista chamada CACIQUE. **CORREIO DO POVO**, Porto Alegre, 21/6/81, p.10.
- CHIESA, Dirceu. “História da Capa”. **CACIQUE**, Porto Alegre, nº 2, maio de 1954.
- DORFMANN, Ariel, MATTELART, Armand. **Para ler o pato Donald**: comunicação de massa e colonialismo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- FREITAG, Bárbara. **O Indivíduo em Formação**. São Paulo: Cortez, 1994.
- GONÇALO JUNIOR. Gilberto Freyre, o herói dos quadrinhos. **Nossa História**, ano 3, nº 29, p. 74-77, março de 2006.
- LAJOLO, Marisa. **O mundo da Leitura do Mundo**. São Paulo: Ática, 1993.
- OGNIER, Pierre. **L'École Republicaine Française et ses miroirs**. Berne: Peter Lang, 1988.

PERES, Eliane T. **Aprendendo formas de pensar, de sentir e de agir – a escola como oficina da vida:** discursos pedagógicos e práticas escolares da escola pública primária gaúcha (1909-1959). Belo Horizonte: UFMG, 2000. Tese (Doutorado em Educação)

PESAVENTO, Sandra J. **História & História Cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PORTO, Corália. A revista que nasceu para ficar. **Revista do Ensino.** Porto Alegre, (78): 6, out. 1961.

QUADROS, Claudemir. **Centro de Pesquisas e Orientação Educacional – CPOE/RS:** discursos e ações institucionais. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Projeto de Tese (Doutorado em Educação)

ROSA, Zita de Paula. **O Tico Tico: meio século de ação recreativa e pedagógica.** Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

RS/SEC. Decreto nº 7201, de agosto de 1956. “Regulamento da Revista Infantil CACIQUE”.

RS/SEC. Decreto nº 7201, de 23 de agosto de 1956. Aprova o Regulamento da Revista Infantil CACIQUE.

VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto E. (Org.) **O Tico Tico 100 Anos – centenário da Primeira Revista de Quadrinhos do Brasil.** São Paulo: EDUSP, 2005.

Periódico

Cacique. Porto Alegre, v 1, n1, abr.1954.
Revista do Ensino. RS. 1951-1978